

S

Revista Brasileira de

Saúde

ISSN 3085-8089

vol. 2, n. 5, 2026

... ARTIGO 2

Data de Aceite: 04/03/2025

A GESTÃO DA SAÚDE DO TRABALHADOR FRENTE À ESCASSEZ DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DA ENFERMAGEM ANUNCIADA PELA OMS

Cléria Vitória Frazao da Silva



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: A Organização Mundial da Saúde (OMS) identifica a escassez de profissionais de enfermagem como um problema global, agravado pela pandemia de Covid-19, que intensificou a sobrecarga de trabalho e o risco de adoecimento físico e mental. Dificuldades de fixação em áreas remotas, migração para grandes centros e ociosidade de vagas agravam o déficit de mão de obra, levando muitos enfermeiros à dupla jornada e à Síndrome de Burnout, comprometendo a qualidade da assistência e a segurança do paciente. Este estudo teve como objetivo analisar a escassez de profissionais de enfermagem, seus impactos na saúde dos trabalhadores e na qualidade do cuidado, além de discutir estratégias de valorização e retenção desses profissionais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e narrativa, desenvolvida entre maio e julho de 2025, com base em publicações das bases SciELO, LILACS, PubMed, BVS e Google Scholar, além de documentos da OMS, OPAS, ICN e COFEN. Foram incluídos artigos publicados entre 2018 e 2025, em português, inglês e espanhol, relacionados à escassez de profissionais, condições de trabalho, Síndrome de Burnout e políticas de valorização. A análise documental e interpretativa revelou que a carência de profissionais gera sobrecarga laboral, adoecimento físico e emocional e queda na qualidade do cuidado. Constatou-se, ainda, que políticas de valorização e melhores condições de trabalho reduzem absenteísmo, rotatividade e custos institucionais, fortalecendo a eficiência e a sustentabilidade dos serviços de saúde.

Palavras-chave: Enfermagem, escassez da enfermagem, condições de trabalho, saúde ocupacional, OMS.

Introdução

A Enfermagem é um contingente muito específico, pois somente no Brasil corresponde a mais da metade de profissionais da área da saúde. Não é possível imaginar o funcionamento do ambiente de saúde, principalmente os hospitais, sem a presença dos trabalhadores da enfermagem (Oliveira et al., 2020).

Atualmente, a força de trabalho da enfermagem é composta por cerca de 27,9 milhões de profissionais em todo o mundo, sendo que, mais de 80% estão concentrados em países que abrigam aproximadamente a metade da população global. Na região das Américas foram contabilizados 8,4 milhões de profissionais, que corresponde a cerca de 30% de todo total mundial. Desse total, 87% encontram-se no Brasil, Canadá e Estados Unidos. Juntos representam aproximadamente 57% de toda população da região. Entre 2013 e 2018, observou-se um crescimento de 4,7 milhões de profissionais no quadro mundial da enfermagem. No Brasil, esses dados revelam destaque expressivo de 39% no número de profissionais da enfermagem entre 2013 e 2018, totalizando 2.119.620 enfermeiros habilitados para exercerem o ofício profissional em 2018. Além disso, projeta-se que ocorra aproximadamente um aumento de 51% nesse contingente até 2030. Mesmo com esse crescimento, estimava-se que, em 2018, ainda havia uma escassez de cerca de 5,9 milhões de enfermeiros (Oliveira et al., 2020).

Segundo Tamata e Mohammadnezhad (2022), a escassez da mão-de-obra de enfermagem tornou-se um desafio global com causas variadas, pois vários fatores como individuais, organizacionais, educacionais, gerenciais e de formulação de

políticas voltadas para esse tema provocam esse acontecimento de abrangência mundial. Apesar do mundo durante as crises de pandemias como a ocorrida na Covid-19, terem reconhecido de forma confiável que a profissão da enfermagem é vital nos serviços de saúde, ainda acontece no presente, um dos principais desafios que essa classe enfrenta que é a falta da força de trabalho, o que gera um severo comprometimento na qualidade do serviço prestado a população. Isso ocasionado pela falta de profissionais da enfermagem que ingressam na profissão e o número de trabalhadores existentes, considerado como uma desproporção bastante relevante.

A enfermagem representa como principal categoria ocupacional dentro do setor de saúde, a qual representa 59% da força de trabalho mundial e 56% na região das Américas. No Brasil, a força de trabalho em enfermagem é composta majoritariamente por enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, que representam cerca de 70% dos profissionais atuantes na área da saúde. Fazendo um comparativo, as outras categorias que se apresentavam em menor número, como 15,7% médicos em geral, 9% cirurgões-dentistas, 4,9% farmacêuticos e 0,2% médicos obstetras (Oliveira et al., 2020).

Ainda segundo Oliveira et al. (2020), a distribuição da mão-de-obra global em enfermagem demonstra um perfil relativamente jovem, sendo que 38% profissionais possuem idade inferior a 35 anos, iniciantes na carreira, e 17% têm 55 anos ou mais, estão próximos da aposentadoria. Observam-se, entretanto, diferenças regionais significativas na distribuição etária desses profissionais. Nas Américas, cerca de 24% dos trabalhadores de enfermagem têm 55 anos ou mais, enquanto na Europa esse percen-

tual é de aproximadamente 18%. Essa realidade representa um grande desafio para a reposição dessa força de trabalho nas próximas décadas, diante do envelhecimento populacional e da crescente demanda por cuidados em saúde. No Brasil, 35% da força de trabalho é de profissionais jovens com menos de 35 anos. Com relação à distribuição por gêneros caracterizam-se como uma profissão predominantemente feminina, em nível mundial, nove em cada dez profissionais são mulheres. Essa desproporção varia conforme as regiões: região do Pacífico Ocidental, 95% da força de trabalho corresponde ao sexo feminino, na região africana esse índice é de 76%. No Brasil, em 2017, os dados apontavam que 87% dos trabalhadores da enfermagem eram mulheres.

Alguns estudos mostram que existem desigualdades importantes na disponibilidade de profissionais de enfermagem para manter a garantia da força de trabalho suficiente perante o envelhecimento populacional. Esse cenário é complicado pelo aumento das aposentadorias, pelas dificuldades em recrutar novos(as) enfermeiros(as) e pela queda na taxa de retenção dos profissionais já atuantes, esses são fatores que comprometem a capacidade do setor de saúde a atender a crescente demanda por cuidados em saúde (Tamata & Mohammadnezhad, 2022).

Em Washington D. C., no dia 12 de maio de 2025, a Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), enfatizou a urgência de aumentar os esforços para ações voltadas à formação e retenção de profissionais das Américas. Esse alerta foi publicado no relatório sobre o estado da Enfermagem no mundo em 2025, produzido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), onde demonstra uma queda expressiva do número de pessoas graduadas em enfermagem: de 81

para cada 10mil habitantes em 2018 para redução de 24 por 10mil em 2023 (Organização Pan- Americana da Saúde, 2025).

No dia 8 de maio de 2019, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) divulgou a Orientação Estratégica para Enfermagem na Região das Américas, mostrando a necessidade de que os países invistam no crescimento da profissão. Tendo como objetivo ampliar a disponibilidade, melhorar a distribuição e potencializar as funções dos trabalhadores de enfermagem como estratégia essencial para alcançar a saúde em âmbito universal (Organização Pan-Americana da Saúde, 2019).

Na atualidade, Enfermeiras e Enfermeiros constituem a maior parcela da força de trabalho dentro da área da saúde, correspondendo a mais da metade dos profissionais de setor. Apesar disso, a falta desses trabalhadores na maior parte dos países das Américas ameaça o cumprimento relacionado à meta global de assegurar saúde para todos até o ano de 2030 (Organização Pan-Americana da Saúde, 2019).

Um recente relatório do Conselho Internacional de Enfermeiros (*International Council of Nurses - ICN*) mostra que a carência de profissionais da área da enfermagem deve ser verdadeiramente considerada como emergência de saúde a nível mundial. Essa entidade destaca que a superação dos impactos ocasionados pela pandemia de Covid-19 somente poderá ser possível, por meio de investimentos adequados e melhores condições de trabalho para equipe de enfermagem. Para o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) há anos o êxodo de profissionais é conhecido, tornando-se mais evidente durante a pandemia, onde esses trabalhadores eram mais exigidos. Para o COFEN, a valorização salarial é fundamen-

tal para reduzir ou até mesmo frear a perda de talentos e garantir a permanência da enfermagem nos serviços de saúde (Conselho Federal de Enfermagem, 2025).

A valorização desses profissionais é fundamental, pois estudos realizados na área da saúde identificaram o Hospital como um ambiente totalmente insalubre, que é marcado por alto risco de adoecimento, acidentes e doenças físicas. Além disso, merece como destaque os riscos aumentados referentes ao sofrimento psíquico, pois esses profissionais estão constantemente expostos a pressões sociais e psicológicas intensas. Toda essa realidade somada às condições laborais desfavoráveis pode contribuir para a presença de ansiedade e depressão, que são transtornos mentais visivelmente presente na atualidade (Uchôa, 2023).

Conforme Andrades (2019), o cuidar está relacionado com a capacidade de colocar-se no lugar do outro indivíduo, algo que pode acontecer em vários contextos, tanto em âmbito pessoal como social. Refere-se a uma forma de criar vínculos com o próximo, quer seja em momentos marcantes da vida, como o nascimento ou na recuperação da saúde, ou até mesmo em situações mais inevitáveis como a morte. O cuidar da enfermagem deve ser interpretado como uma ciência voltada ao ser humano, dedicada à atenção tanto de indivíduos saudáveis quanto doentes. Esse cuidado envolve um laço entre quem oferece e quem recebe o cuidado, expressando-se por meio de ações interativas que define o próprio ato de cuidar – elemento fundamental e essencial da prática da enfermagem.

As condições de trabalho podem ser definidas como recursos físicos e materiais disponíveis para execução das atividades do trabalho. Analisar esse aspecto é essencial,

porque essa avaliação vai contribuir para elaboração de estratégias voltadas à prevenção do sofrimento correspondente ao desempenho das funções, e também à valorização da prática profissional da enfermagem. Durante atuação desses trabalhadores, observa-se um grande esforço emocional contínuo, principalmente causado pela rotina marcada por altos níveis de tensão, muitas vezes causada pela precarização do trabalho (Uchôa, 2023).

Segundo o Conselho Federal de Enfermagem (2025), o recente relatório do Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN) aponta que fatores como cansaço extremo, estresse, absenteísmo e paralisações, mostram a fragilidade enfrentada pela enfermagem. Esses sinais demonstram a urgência de medidas efetivas, a fim de garantir que os profissionais da enfermagem possam executar plenamente sua função essencial na recuperação e no fortalecimento da saúde em todo planeta. Esse relatório elaborado ressalta que muitos países não investem suficientemente na capacitação e formação de enfermeiros em números compatíveis com as necessidades de suas populações. Essa insuficiência ocasiona para sobrecarga de trabalho e o acúmulo de responsabilidades adicionais, levando ao comprometimento da capacidade desses profissionais atuarem de maneira plena e eficiente nos sistemas de saúde.

Em janeiro de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apresentou a 11ª edição de Classificação Internacional de Doenças (CID-11) documento de destaque, devido a grande relevância para o monitoramento de tendências, e também dos indicadores globais de saúde. Com essa atualização, a Síndrome de *Burnout* foi reconhecida oficialmente como condição

estritamente referente ao contexto ocupacional. O estresse, causado ao organismo, manifesta-se em etapas consecutivas: primeiro é a fase de alarme, onde acontece a ativação imediata do sistema de defesa; depois vem a fase de resistência, na qual o corpo tenta buscar uma forma de adaptar-se ao agente estressor para restaurar o equilíbrio; e por último, a fase da exaustão onde a exposição ao estressor aumenta-se, causando o desgaste físico e/ou psicológico do profissional. Desde modo, a Síndrome de *Burnout* é compreendida como consequência direta da exposição contínua ao estresse ocupacional crônico (Garcia, Santos, Santos, Ferreira, & Pimentel, 2024).

A pesquisa se justifica pela necessidade de entender os impactos da carência de profissionais de enfermagem na saúde física e mental desses trabalhadores, na segurança do paciente e na sustentabilidade dos serviços de saúde.

Com base no estudo realizado, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar como a gestão da saúde de trabalhador tem sido avaliada frente à escassez de profissionais da área da enfermagem anunciada pela OMS. Os objetivos específicos consistem em investigar sobre os impactos da falta de profissionais da área da enfermagem, tanto na saúde física como mental dos trabalhadores; identificar estratégias para retenção da mão de obra desses profissionais; verificar propostas e diretrizes de promoção e saúde dos trabalhadores da enfermagem, por meio de organismos internacionais como a OMS, e por fim uma reflexão sobre os desafios e implementação de práticas que promovam uma gestão eficaz relacionada à saúde da enfermagem.

Esse estudo tem como propósito, contribuir para o avanço e discussão acadêmica

e práticas acerca da gestão da saúde do profissional da enfermagem, mostrando como essa classe é atingida por doença ocupacional ocasionada pela falta de profissionais causando uma sobrecarga de trabalho e o aparecimento de novas doenças como a Síndrome de *Burnout* em âmbito mundial, e propor políticas de proteção e promoção para saúde desses profissionais. Demonstrar que a implementação de medidas voltadas à proteção dos profissionais de enfermagem contribui simultaneamente para a segurança do paciente e gera impactos econômicos positivos para as instituições de saúde.

Metodologia

O presente estudo apresenta-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e narrativa, voltada para a análise da gestão da saúde do trabalhador diante da escassez de profissionais da área da enfermagem, conforme anunciado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

A pesquisa bibliográfica consistiu na leitura e análise de materiais científicos disponíveis por meio digitais em bases de dados nacionais e internacionais, como SciELO, LILACS, PubMed, BVS e Google Scholar. Foram considerados artigos publicados entre 2018 e 2025, em português, inglês e espanhol, abordando temas como escassez de profissionais de enfermagem, condições de trabalho, saúde ocupacional, políticas de retenção, Síndrome de *Burnout*, segurança do paciente e valorização da enfermagem. Também foram utilizados documentos e relatórios de organismos internacionais, como OMS, OPAS, ICN e COFEN, para embasar dados estatísticos e projeções referentes a força de trabalho em enfermagem e estratégias de gestão da saúde do trabalhador.

Para a seleção dos materiais, foram definidos critérios de inclusão e exclusão: foram incluídos estudos que abordassem principalmente o contexto da enfermagem, saúde do trabalhador, gestão de recursos humanos em saúde e políticas públicas voltadas para o tema proposto. Foram excluídos estudos duplicados, artigos sem revisão por pares e materiais sem relevância direta para os objetivos da pesquisa.

Os dados coletados foram organizados e analisados por análise documental e interpretativa, buscando identificar tendências, lacunas e propostas de estratégias à valorização e retenção dos profissionais de enfermagem. A síntese dos resultados foi estruturada em tópicos referente à escassez da força de trabalho, saúde ocupacional, políticas de valorização e sustentabilidade dos serviços de saúde, permitindo a construção de uma compreensão integrada do tema.

Referencial Teórico

A Escassez de Profissionais da Enfermagem: um Desafio Global

O panorama mundial segundo a OMS

A crise mundial relacionada à escassez de profissionais da saúde tem-se configurado como tema de grande importância no debate internacional. Vários países e organizações ligadas à saúde e a enfermagem tem mostrado preocupação quanto à disponibilidade em quantidade, e também qualidade adequada de trabalhadores capazes de atender as demandas de saúde das populações nos próximos anos (Mendes et al., 2022).

No Brasil, a lei nº 7.498/1986 alterada pela lei nº 14.434/2022 e 14.602/2023, estabelece normas para o exercício da enfermagem em todo território nacional. Nela, o presidente da república sanciona a regulamentação do livre exercício da enfermagem em todo território nacional, destacando que a Enfermagem e suas atividades, somente poderão ser exercidas por indivíduos legalmente habilitados e que sejam inscritos no Conselho Regional de Enfermagem (CO-REN) com jurisdição dentro da área onde ocorra o exercício profissional (Brasil, 1986).

Segundo a Lei nº 7.498/1986, alterada pelas Leis nºs 14.434/2022 e 14.602/2023, os profissionais que compõem a equipe de enfermagem tem suas competências definidas legalmente. Conforme a lei, a enfermagem é exercida privativamente pelo Enfermeiro, Técnico de enfermagem, Auxiliar de enfermagem e pela Parteira, respeitando sempre os graus de habilitação de cada profissional (Brasil, 1986; Brasil, 2023).

Durante a Pandemia de Covid-19, a enfermagem foi destaque. Neste cenário, veio à tona o sofrimento, os baixos salários, ritmo de trabalho exaustivo, morte, além da doença mental adquirida por esses trabalhadores (Farias & Lira, 2020).

Em 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) apresentou uma projeção que indicava a possibilidade de alcançar aproximadamente 36 milhões de profissionais da saúde até 2030. Isso corresponderia a uma redução de apenas 17% no déficit da força de trabalho em relação aos números registrados em 2013 (Mendes et al., 2022).

Conforme dados divulgados pela OMS, estima-se que até 2030 ocorrerá um déficit de aproximadamente 5,7 milhões de profissionais da enfermagem. Essa carência

representa um risco significativo, porque grande parte da população poderá ter suas necessidades de saúde comprometidas, devido à insuficiência da força de trabalho proveniente da enfermagem.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (2019), a atual realidade da situação da enfermagem nas Américas foi descrita por meio do relatório sobre as orientações estratégicas. Esse relatório destaca uma significativa carência de trabalhadores da enfermagem e a dificuldade de acesso a recursos humanos em saúde. Atualmente, estima-se que há um déficit de aproximadamente 800 mil profissionais da área na região, o que engloba as equipes de enfermagem. Vários fatores como a mobilidade e migração de profissionais, ausência de regulamentações adequadas, distribuição desigual, falta de incentivos para o desenvolvimento da carreira, condições de trabalho inadequadas, barreiras ao ensino superior, aumentam os desafios relacionados a força de trabalho em saúde em escala mundial.

Segundo o Conselho Federal de Enfermagem (2025), o relatório com o tema 'Recuperar para Reconstruir: Investindo na Força de trabalho para a Eficiência do sistema de Saúde' foi elaborado com a parceria do diretor-executivo do ICN, Howard Catton e pelo professor James Buchan. Esse documento foi elaborado a partir da análise do estudo 'Sustentar e Conservar', divulgando no ano anterior, os impactos significativos da pandemia de Covid-19 sobre os profissionais da enfermagem e sobre a força de trabalho da saúde em âmbito mundial. Essa publicação de 'Recuperar para Reconstruir' engloba mais de cem pesquisas que apontam índices alarmantes: 40% e 80% dos trabalhadores relatam sintomas de sofrimento psicológico, pode ser observado um aumen-

to superior a 20% na intenção de abandono de carreira e a taxa média de rotatividade na atividade anual em hospitais ultrapassou ou atingiu 10%.

O escalonamento de pessoal é um problema durante a elaboração de escalas de enfermagem, situação que ocorre em vários ambientes da área da saúde com destaque para os hospitais. Essa organização opera em contexto bastante complexo, marcado pela quantidade de pacientes, pelas várias necessidades assistenciais e pela rigorosa exigência regulatória. Com isso, a programação de turnos de enfermagem mostra desafios impactantes e complexos ocasionada por variáveis como número de pessoal, restrições normativas e requisitos de competências. Inclusive, as instituições hospitalares sofrem com a escassez de profissionais da enfermagem, principalmente em cenários críticos como ocorrido durante a pandemia de Covid-19 (Thomas, 2024).

Segundo o Conselho Federal de Enfermagem (2025) o relatório mais recente divulgado pela organização Mundial de saúde (OMS), intitulado como '*State of the World's nursing 2025: Investing in education, Jobs, Leadership and Service Delivery*' de maio de 2025, demonstra uma análise minuciosa sobre a situação mundial da enfermagem. Esse relatório apresenta informações de mais de 170 países, onde por meio desse documento é fornecido um panorama importante para formulação de políticas públicas. Além disso, mostra a relevância estratégica da enfermagem no alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030.

Na atualidade, existem cerca de 29,8 milhões de profissionais de Enfermagem no planeta. Apesar do número expressivo, ainda ocorre disparidade entre diferentes regiões. A projeção para o ano de 2030 indica

uma escassez em torno de 4,1 milhões de enfermeiros e enfermeiras, principalmente em áreas vulneráveis e desfavorecidas economicamente (Conselho Federal de Enfermagem, 2025).

Na saúde, a enfermagem representa o maior contingente da força de trabalho, correspondendo a cerca de 60 % dos profissionais atuantes mundialmente. Apesar dessa expressiva atuação, a distribuição desses trabalhadores é desigual quando realizado uma comparação às necessidades para atingir a cobertura universal em saúde e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030 (Mendes et al., 2022).

A distribuição desigual e a migração internacional da força de trabalho da enfermagem têm se tornado um problema global, afetando o equilíbrio dos sistemas de saúde. Em 2020, estimou-se que um em cada oito profissionais de enfermagem atuava em um país diferente daquele em que nasceu ou se formou. Observou-se, ainda, que muitos países desenvolvidos passaram a depender da mão de obra estrangeira para suprir suas demandas internas, em razão da escassez de profissionais qualificados e do baixo número de formandos nessa área (Mendes et al., 2022).

O Gráfico 01, apresentado a seguir, mostra a comparação entre o número de profissionais de enfermagem em atividade no ano de 2025 e a projeção para 2030, considerando o déficit estimado pela Organização Mundial da Saúde (*World Health Organization*, 2020). Observa-se que, apesar de existirem cerca de 29,8 milhões de trabalhadores, a projeção aponta uma redução de aproximadamente 4,1 milhões de profissionais até 2030, sobretudo em regiões mais vulneráveis e economicamente desfavorecidas.

Essa tendência evidencia não apenas a magnitude do desafio para os sistemas de saúde, mas também a necessidade de investimentos contínuos em formação, atenção e valorização da enfermagem como condição essencial para garantir a cobertura universal em saúde e a aplicação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Fatores contribuintes para escassez

Regiões que ofertam condições precárias de trabalho podem ter um potencial de atração da força de trabalho da enfermagem reduzido. Condições deficitárias como falta de infraestrutura, dificuldade de acesso aos serviços de média e alta complexidade, prejudicam a escolha por esses ambientes de trabalho. Muitos profissionais da enfermagem procuram por trabalho nos grandes centros, devido à busca pelo atri-

moramento profissional contínuo, além de melhores condições de vida pessoal e familiar (Mendes et al., 2022).

Ainda segundo Mendes et al. (2022), um fator preocupante é o envelhecimento da força de trabalho da enfermagem, pois dados demonstram que cerca de 35% desses profissionais tem 55 anos ou mais de idade, o que corresponde a quase um quarto dos profissionais se aposentando nos próximos 10 anos. Na atualidade, o estoque de quantitativos é de aproximadamente 1,2 milhões de profissionais, valor considerado insuficiente em longo prazo, devido ao aumento do crescimento populacional.

Temos também outros fatores como: sobrecarga de trabalho, baixos níveis de valorização profissional, jornadas extensas, exposição a riscos ocupacionais e limitado acesso a programas de capacitação contínua, que contribuem para desmotivação entre

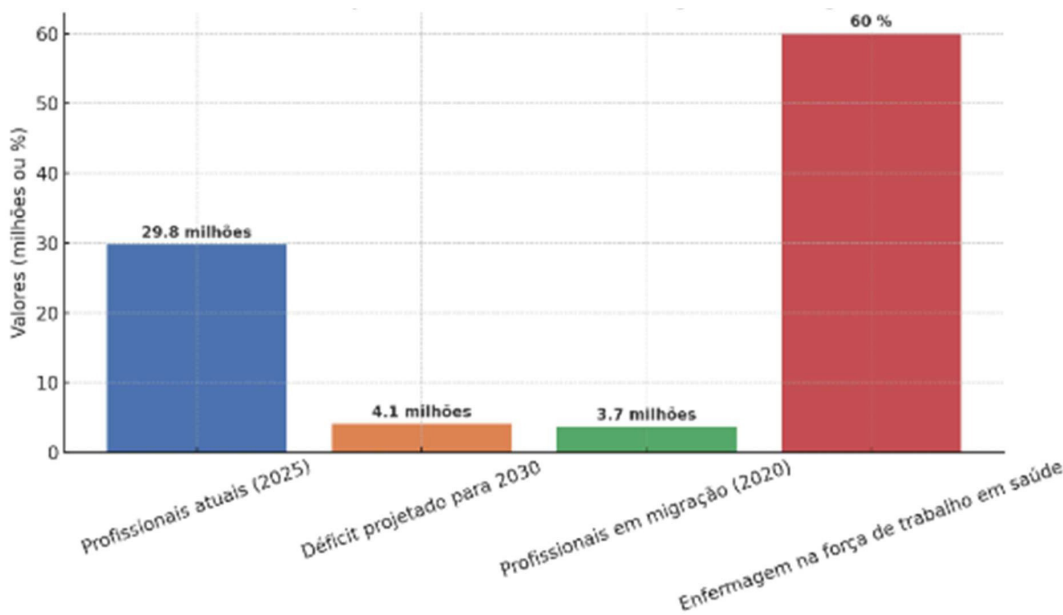


Gráfico 01 Panorama da força de trabalho em enfermagem (dados globais).

Fonte: Elaborado pela autora com base em World Health Organization (2020).

profissionais e para o aumento da rotatividade. Essa escassez também é acentuada pela desigualdade regional na distribuição dos recursos humanos em saúde, com carência desses trabalhadores em zonas rurais ou periféricas e uma concentração nas urbanas, provocando um impacto direto na qualidade e na continuidade do cuidado oferecido à população (*World Health Organization*, 2020).

Desse modo, a falta de profissionais da enfermagem resulta de uma combinação complexa de fatores estruturais, demográficos e organizacionais, tornando imprescindível a implementação de políticas públicas estratégicas e investimentos em melhorias nas condições de trabalho, capacitação e valorização profissional, a fim de garantir a sustentabilidade e a eficiência do sistema de saúde.

Além desses elementos, destaca-se também o fenômeno da migração internacional da enfermagem, que tem se intensificado nas últimas décadas. Muitos profissionais buscam oportunidades em países desenvolvidos, atraídos por melhores salários, condições de trabalho mais seguras, acesso a recursos tecnológicos avançados e maior reconhecimento social da profissão. Embora esse processo represente uma alternativa de crescimento individual, ele fragiliza os sistemas de saúde dos países em desenvolvimento, que já convivem com déficits significativos de recursos humanos. A Organização Mundial da Saúde (2020) aponta que a mobilidade transnacional da força de trabalho em saúde aprofunda as desigualdades no acesso e compromete a cobertura universal, tornando urgente a formulação de estratégias globais e regionais capazes de incentivar a fixação desses trabalhadores em seus países

de origem e garantir a sustentabilidade dos serviços de saúde.

Sendo assim, são vários os fatores que contribuem para a escassez de profissionais da enfermagem, segundo a Organização Mundial da Saúde, como:

- Condições e trabalho deficitários;
- Envelhecimento da força de trabalho;
- Migração internacional da força de profissionais da enfermagem;
- Limitações na formação acadêmica e capacitação profissional;
- Impactos da pandemia de Covid-19;
- Baixa remuneração e benefícios insuficientes;
- Estresse ocupacional e Burnout;
- Violência no ambiente de trabalho;
- Falta de reconhecimento profissional;
- Falta de flexibilidade e equilíbrio entre a vida profissional e pessoal;
- Políticas insuficientes de desenvolvimento profissional;
- Impactos demográficos e populacionais (*World Health Organization*, 2020).

A Gestão da Saúde do Trabalhador na Enfermagem

Conceito e importância da saúde do trabalhador

A saúde do trabalhador configura-se como um campo estratégico no âmbito da saúde pública e da saúde coletiva, que ultrapassa a simples ausência de doenças. Ela engloba um conjunto de ações de promoção, proteção, recuperação e reabilitação da saú-

de de pessoas cujas atividades laborais as expõem a riscos biológicos, físicos, químicos, ergonômicos, psíquicos e organizacionais. A abordagem que associa saúde e trabalho reconhece que o processo saúde–doença dos trabalhadores está intrinsecamente ligado às condições de trabalho e aos determinantes sociais, econômicos e culturais (Ministério da Saúde, 2005).

No contexto legal brasileiro, a Norma Regulamentadora 32 (NR-32) estabelece diretrizes básicas para garantir a segurança e a saúde dos profissionais em serviços de saúde, definindo obrigações para empregadores e trabalhadores quanto ao uso de equipamentos de proteção, capacitação, manejo de riscos biológicos e condições ambientais (Portaria 485/2005). A NR-32 foi revisada para harmonização com outras normas e aprimoramento técnico, mas permanece como referência normativa fundamental para os ambientes de saúde (Portaria 485/2005). Além disso, o descumprimento da norma pode agravar a exposição a riscos e contribuir para ocorrência de acidentes e doenças ocupacionais (Lima & Migani, 2022).

A relevância de políticas institucionais de saúde do trabalhador se reforça na Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador (PNSST), cujas diretrizes apontam para uma ação intersetorial entre saúde, trabalho e meio ambiente, com ênfase na vigilância, prevenção e promoção da saúde do trabalhador (Ministério da Saúde, 2004). Tal política reforça que o direito à saúde dos trabalhadores não depende de vínculo formal de emprego e deve ser garantido independentemente da condição laboral.

No caso específico da enfermagem, os profissionais estão continuamente sujeitos a elevado estresse no trabalho, demandas

intensas, ambientes hostis, turnos longos e responsabilidades críticas. Esses fatores podem predispor ao desenvolvimento da Síndrome de *Burnout*, que é caracterizada pela exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional. A revisão sistemática de Perniciotti et al. (2020) mostrou associação entre níveis elevados de burnout entre profissionais de saúde e piora na segurança do paciente. Assim, há evidências de que o adoecimento da equipe pode refletir negativamente em eventos adversos, erros assistenciais e queda da qualidade do cuidado.

Estudos recentes confirmam também uma correlação expressiva entre *Burnout* e depressão entre enfermeiros, o que reforça o impacto psicológico desse fenômeno no contexto da saúde ocupacional (Chen et al., 2021). No âmbito da enfermagem, uma revisão sistemática e meta-análise indica que burnout está relacionado ao aumento de riscos para a segurança do paciente: cada incremento no desgaste psicológico do profissional pode elevar probabilisticamente a ocorrência de falhas assistenciais (Perniciotti et al., 2020).

Além dos efeitos clínicos e assistenciais, o adoecimento de enfermeiros influencia diretamente indicadores organizacionais: aumenta o absenteísmo, favorece o presenteísmo (quando o profissional está presente, mas com desempenho reduzido), aumenta a rotatividade e gera custos operacionais elevados para a instituição. A satisfação no ambiente de trabalho, componente multidimensional influenciada por fatores pessoais e organizacionais, tende a diminuir em contextos de sobrecarga laboral, precariedade de recursos e falta de reconhecimento. Isso pode desencadear exaustão física e emocional, afetando desempenho, cidadania orga-

nizacional e a própria retenção do profissional (Oliveira et al., 2020).

Dessa forma, investir na saúde do trabalhador da enfermagem transcende o cumprimento de obrigações éticas e normativas, configurando-se como uma estratégia de gestão essencial para a consolidação de sistemas de saúde seguros, eficazes e sustentáveis. A valorização da força de trabalho em enfermagem, por meio de políticas de retenção, ambientes laborais humanizados, suporte psicossocial, adequação da carga horária e estímulo à participação ativa dos profissionais nas decisões institucionais, contribui diretamente para a melhoria da qualidade assistencial. Tais medidas não apenas promovem o bem-estar físico e emocional dos trabalhadores, mas também fortalecem o vínculo entre equipe e instituição, reduzindo índices de absenteísmo, rotatividade e eventos adversos relacionados ao cuidado. Nesse sentido, o cuidado com quem cuida torna-se um imperativo estratégico para a excelência nos serviços de saúde (Oliveira et al., 2020).

A saúde do trabalhador configura-se como um campo estratégico e interdisciplinar no âmbito da saúde pública e da saúde coletiva, cuja abordagem ultrapassa a concepção tradicional centrada na ausência de doenças. Trata-se de um campo que incorpora ações integradas de promoção, proteção, recuperação e reabilitação da saúde de indivíduos que, em razão de suas atividades laborais, estão expostos a múltiplos fatores de risco — sejam eles biológicos, físicos, químicos, ergonômicos, psíquicos ou organizacionais (Ministério da Saúde, 2005). A perspectiva que articula saúde e trabalho reconhece que o processo saúde–doença dos trabalhadores está profundamente condicionado pelas características do ambiente labo-

ral, pelas relações interpessoais estabelecidas no cotidiano profissional e pelos determinantes sociais, econômicos e culturais que permeiam suas trajetórias. Assim, compreender e intervir sobre esses fatores é fundamental para a construção de ambientes de trabalho saudáveis, inclusivos e resilientes.

No contexto da gestão da saúde do trabalhador, destaca-se a importância da cultura organizacional voltada à segurança como elemento essencial para a efetividade das normas e políticas já existentes. A criação de ambientes laborais seguros requer não apenas o cumprimento das exigências legais, mas também o engajamento das lideranças institucionais e o fortalecimento da educação permanente em saúde. Programas voltados à prevenção de riscos ocupacionais, ao acolhimento psicológico e ao acompanhamento de agravos relacionados ao trabalho têm demonstrado impacto positivo na redução de acidentes e afastamentos entre profissionais de enfermagem. Além disso, a promoção do diálogo entre gestores e trabalhadores favorece a identificação precoce de vulnerabilidades e o desenvolvimento de estratégias coletivas de proteção, consolidando um modelo de gestão participativa e sustentável, alinhado aos princípios da Segurança e Saúde no Trabalho e à valorização da força de trabalho em enfermagem (Portaria 485/2005).

A efetividade da Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador (PNSST) na área da enfermagem depende da incorporação de suas diretrizes às práticas cotidianas de gestão e assistência. Isso inclui o monitoramento contínuo dos riscos ocupacionais, a implementação de programas de prevenção de agravos relacionados ao trabalho e a promoção de ambientes seguros e humanizados. No contexto hospitalar e ambulatorial,

a aplicação da PNSST favorece a redução de acidentes, o controle da carga horária e a oferta de apoio psicossocial, fatores que contribuem para a diminuição do absenteísmo e da rotatividade. Além disso, ao reconhecer a vulnerabilidade dos profissionais expostos a condições adversas, essa política fortalece o comprometimento institucional com a saúde e o bem-estar dos trabalhadores, tornando-se um instrumento essencial para a sustentabilidade e qualidade da assistência em enfermagem (Ministério da Saúde, 2004).

A seguir, apresenta-se o Quadro 01, que reúne de forma comparativa as principais políticas e diretrizes nacionais e internacionais voltadas à saúde do trabalhador, com ênfase em sua aplicabilidade no contexto da enfermagem. Este quadro busca evidenciar os avanços, lacunas e oportunidades de aprimoramento das ações voltadas à proteção e valorização dos profissionais da área, contribuindo para o fortalecimento das práticas de cuidado e da gestão em saúde.

A relevância desse tema para a enfermagem é acentuada, considerando os múltiplos riscos enfrentados diariamente. Os profissionais estão sujeitos a jornadas prolongadas, sobrecarga emocional e física, contato com agentes biológicos e exposição a situações de estresse contínuo. A seguir, apresenta-se o quadro 02 com os principais riscos ocupacionais que afetam a enfermagem e seus impactos tanto na saúde do trabalhador quanto na segurança do paciente.

Assim, cuidar da saúde do trabalhador em enfermagem não é apenas uma questão normativa, mas também uma estratégia essencial de gestão e de ética profissional. Promover ambientes de trabalho saudáveis e seguros impacta diretamente na valorização da enfermagem, na sustentabilidade dos ser-

viços e na qualidade do cuidado prestado ao paciente.

Condições de trabalho e risco ocupacional da Enfermagem

Segundo Andrade (2019), o Hospital é considerado como local insalubre, perigoso e penoso para profissionais que nele atuam. A enfermagem é uma profissão que está inserida nesse contexto. Esse trabalhador realiza o ofício da sua profissão com cuidado e qualidade, focado no paciente, demonstrando atenção, conhecimento, segurança. Além disso, tem características importantes como: competências e normas bastante definidas; habilidades que são traduzidas por seu conhecimento teórico; prestação de serviços específicos; autonomia na tomada de decisões e desempenho de atividades dentro da sua área de responsabilidade, além de seguir um código de ética específico.

O ambiente laboral é constituído por condições que podem gerar diferentes cargas de trabalho, que afetam direta ou indiretamente a saúde dos profissionais da enfermagem. Essas cargas estão constantemente associadas ao excesso de atividades, à sobrecarga de jornada, insuficiência de recursos humanos, e a infraestrutura inadequada (Oliveira et al., 2020).

As cargas de trabalho podem ser classificadas de acordo com sua interação no organismo do trabalhador da enfermagem. Na materialidade externa, enquadram-se os fatores físicos, químicos, biológicos e mecânicos. Nesse grupo, as cargas físicas correspondem à variação de temperatura e exposição à radiação ionizante; nas cargas químicas, associada ao contato com medicamentos e outras substâncias; as cargas biológicas, referente ao manuseio de

Documento / Norma	Ênfase Principal	Aplicabilidade para a Enfermagem	Observações
PNSST – 2004	Integração saúde, trabalho e meio ambiente; promoção e prevenção	Amplia a proteção a todos os trabalhadores, com ou sem vínculo formal	Base legal para vigilância em saúde do trabalhador
Ações de Saúde do Trabalhador – MS (2005)	Promoção, proteção, recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores	Foco na atenção integral e intersetorial	Articulações entre SUS e vigilância em saúde
NR-32 – Portaria 485/2005	Segurança no trabalho em serviços de saúde	Prevenção contra riscos biológicos, químicos e físicos	Fundamental para a enfermagem pela exposição direta a riscos ocupacionais
OMS – Relatório sobre Enfermagem (2020)	Escassez de profissionais e sobrecarga	Destaca impacto na saúde mental e física da enfermagem	Indica necessidade de valorização e retenção
ICN – Relatório (2021)	Saúde mental e burnout	Reconhece altas taxas de estresse e depressão em enfermeiros	Reforça políticas de suporte psicossocial e condições seguras de trabalho

Quadro 01 Políticas e diretrizes voltadas à saúde do trabalhador na enfermagem.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Ministério da Saúde (2004, 2005); A. P. C. de Oliveira et al. (2020); Portaria n.º 485, de 11 de novembro de 2005.

Tipo de risco	Exemplos	Impactos na saúde do trabalhador	Impactos na segurança do paciente
Biológicos	Vírus, bactérias, fungos, fluidos corporais	Doenças infecciosas, necessidade de afastamentos	Aumento de infecções hospitalares e falhas na assistência
Físicos	Ruído, iluminação inadequada, radiação	Estresse auditivo, fadiga visual, efeitos da radiação	Redução da atenção, erros no cuidado
Químicos	Exposição a medicamentos, saneantes, gases anestésicos	Intoxicações, alergias, câncer ocupacional	Risco de contaminação cruzada, falhas em manuseio
Ergonômicos	Posturas inadequadas, esforço físico, jornada prolongada	Dores osteomusculares, LER/DORT, fadiga crônica	Diminuição da produtividade e absenteísmo
Psicossociais	Sobrecarga, pressão hierárquica, dupla jornada	Estresse, burnout, depressão, ansiedade	Erros assistenciais, queda na qualidade do cuidado

Quadro 02 Principais riscos ocupacionais da enfermagem e seus impactos.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Ministério da Saúde (2005).

sangue, fluídos corporais, além de materiais contaminados; e a carga mecânica, que envolve os acidentes com materiais perfuro cortantes, episódios de violência física contra os profissionais. As cargas de materialidade interna compreendem os fatores fisiológicos e psíquicos. As atividades que exigem da enfermagem a permanência prolongada em pé, adoção de posturas inadequadas, o levantamento de peso e o trabalho noturno, referem-se aos fatores fisiológicos. As cargas psíquicas estão relacionadas ao excesso de demandas, ritmo acelerado de atividades, déficit de profissionais, necessidade de atuação contínua, além das dificuldades de comunicação no ambiente laboral e da limitação de autonomia (Carvalho et al., 2019).

Para melhor compreensão dos riscos que permeiam o ambiente hospitalar e impactam diretamente a saúde dos profissionais de enfermagem, elaborou-se o quadro 03, que sintetiza a classificação das cargas de trabalho em materialidade externa e materialidade interna. Nele, estão organizados os

principais fatores físicos, químicos, biológicos, mecânicos, fisiológicos e psíquicos descritos na literatura, bem como exemplos de situações vivenciadas no cotidiano laboral. Essa sistematização possibilita visualizar de forma clara como diferentes condições se inter-relacionam e contribuem para o desgaste físico e mental da categoria, evidenciando a complexidade do cenário ocupacional em que a enfermagem está inserida.

Segundo Andrade (2019), a Portaria 3120/98 da Vigilância em saúde do trabalhador, propõe uma atuação constante e bem elaborada ao longo do tempo, com o objetivo de identificar, investigar e entender fatores que influenciavam para os agravos à saúde vinculada às condições e aos processos de trabalho. Nesse cenário, faz-se necessário considerar também os aspectos tecnológicos, sociais e institucionais, com o propósito de planejar, implementar e avaliar ações que atuem sobre esses fatores, buscando minimizar ou excluir os riscos à saúde dos profissionais.

Categoria	Tipo de carga	Exemplos de riscos/condições
Materialidade Externa	Física	Variação de temperatura, exposição à radiação ionizante.
	Química	Contato com medicamentos e substâncias químicas.
	Biológica	Manuseio de sangue, fluidos corporais e materiais contaminados.
	Mecânica	Acidentes com perfurocortantes, violência física contra profissionais.
Materialidade Interna	Fisiológica	Longas horas em pé, posturas inadequadas, levantamento de peso, trabalho noturno.
	Psíquica	Excesso de demandas, ritmo acelerado, déficit de profissionais, dificuldades de comunicação, falta de autonomia.

Quadro 03 Classificação das cargas de trabalho na Enfermagem.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Andrade (2019), Oliveira et al. (2020) e Carvalho et al. (2019).

Uma das ocupações com maiores riscos de tensão e adoecimento é a enfermagem, a saúde desses profissionais possui uma estreita relação com suas condições de trabalho. As doenças profissionais, os acidentes de trabalho, afastamentos por doenças, as incapacidades definitivas e temporárias para o exercício da profissão mostram a realidade sanitária desses profissionais. Além disso, vários fatores como a baixa remuneração, a sobrecarga de escalas, a extensão da jornada laboral, bem como as tensões provenientes do ambiente hospitalar, ocasionada tanto pela complexidade do cuidado com pacientes em situações críticas como da divisão social referente ao trabalho, acrescentada à hierarquia presente nas equipes de saúde e a redução do reconhecimento social, leva a um direto impacto as condições de trabalho dos profissionais da enfermagem. Esses elementos afetam não apenas à assistência prestada aos usuários, mas também leva a um sofrimento psíquico vivenciado pelos profissionais (Uchôa, 2023).

Durante a pandemia de Covid-19 ocorrida neste século, muitos trabalhadores relataram que essa doença desconhecida, somente veio agravar uma situação histórica vivenciada pelos profissionais da enfermagem em seu dia a dia de trabalho. Situações crônicas e precárias relacionada às condições de trabalho e saúde, marcada pela sobrecarga laboral, falta de recursos materiais e equipamentos para prestação da assistência, falta de profissionais, e principalmente, a desvalorização no trabalho, sentindo-se como se fossem apenas 'números' ou 'máquinas'. As instituições cobram a qualidade dos profissionais, mas não investem em quadro suficiente de trabalhadores para suprir a demanda dos serviços presente na institui-

ção hospitalar (Galon, Navarro & Soares, 2022).

Muitos trabalhadores apresentavam-se insatisfeitos com as exigências do ambiente hospitalar, onde são transferidos de forma repentina para diversos setores de atuação sem ter feito treinamento prévio, além de sofrerem com o adiamento das férias para fazerem a cobertura da escassez da enfermagem. Toda essa situação gera um desgaste emocional nos trabalhadores. Os sintomas de sofrimento mental dessa classe manifestaram-se por meio da ansiedade, depressão e estresse, que também levaram a alterações físicas e causaram prejuízos à qualidade de vida da enfermagem (Galon, Navarro & Gonçalves, 2022).

Segundo Uchôa (2023), pesquisas indicam que o grupo do setor da saúde com maior índice de absenteísmo decorrente de problemas de saúde são os profissionais da enfermagem. A precarização dessa atividade profissional pode ser observada no cotidiano dessa classe, através de vínculos de trabalho fragilizados, sem garantias trabalhistas e sociais, baixos salários, jornadas extensas, a violência física e psicológica, terceirização dos serviços, maior vulnerabilidade nos riscos ocupacionais, ausência de incentivos a capacitação profissional, e outros fatores.

São várias as negligências e riscos ocupacionais sofridas pela enfermagem, pois vivem em um contexto de trabalho marcado pela sobrecarga laboral, falta de recursos humanos e materiais, falta de local adequado para seu descanso e alimentação, falta de capacitação e treinamentos, pressão por produtividade, transferências repentinas de setor de trabalho, adiamento de férias, e principalmente a desumanização do trabalho (Galon, Navarro & Gonçalves, 2022).

O Sofrimento mental desses trabalhadores também merece destaque, pois o medo de contrair alguma doença que pode levá-lo a adoecer ou até mesmo a morte, além do risco de transmitir alguma contaminação para seus familiares, causa um transtorno mental de ansiedade, estresse, depressão, piora do quadro mental de adoecimentos, isso, além da necessidade do uso de medicamentos especiais (controlados) e atendimento psicológico e psiquiátrico (Gallon, Navarro & Gonçalves, 2022).

A enfermagem é considerada como uma profissão essencial e estratégica no meio das práticas em saúde. Está presente em todas as instâncias organizacionais de um sistema. No âmbito do serviço de saúde, o controle organizacional, junto a elevada demanda assistencial, baixa autonomia e dupla jornada do trabalhador, favorece o desgaste físico e mental dos profissionais da classe. Essa categoria, devido à complexidade de suas atribuições e da exposição a diversos fatores psicossociais, é considerada as mais vulneráveis ao estresse ocupacional e ao desenvolvimento da Síndrome de *Burnout* (Pousa, 2022).

Segundo Pousa (2022), o tipo de gestão e os fatores psicossociais nas organizações de saúde podem impactar negativamente a saúde dos profissionais da enfermagem. As elevadas demandas de trabalho cognitivas, emocionais e de guardar emoções e o ritmo de trabalho foram observadas como parte do cotidiano da enfermagem durante a prestação de cuidados ao paciente. Devido à falta de autonomia e as elevadas demandas psicológicas no ambiente hospitalar, favorecem para que a categoria da enfermagem seja considerada mais propensa ao adoecimento. Outro aspecto de impacto negativo na saúde é a violência contra os profissionais

da saúde. Várias ameaças sob forma de abuso verbal, seguida por ameaça de violência física, e também assédio moral e sexual, foram causas motivadoras a levarem ao impacto emocional, onde a violência física e psicológica são fatores desencadeantes para o abandono de enfermeiros (as) da profissão (Pousa, 2022).

Em janeiro de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgou a 11ª edição de Classificação Internacional de Doenças e problemas relacionado à Saúde (CID-11), que se tornou um instrumento essencial para analisar estatísticas e acompanhamento de padrões relativos à saúde em escala global. Dentro dessa atualização, a Síndrome de *Burnout* (SB) foi reconhecida exclusivamente como doença relacionada ao ambiente ocupacional. A Síndrome de *Burnout* é compreendida como uma manifestação proveniente da exposição prolongada ao estresse ocupacional (Garcia et al., 2024).

Entre os profissionais da saúde, a Síndrome de *Burnout* representa um elevado índice de recorrência, causando repercussões tanto individual como institucional. Além de causar um comprometimento da qualidade na assistência prestada ao paciente. Essa síndrome é de grande prevalência entre a enfermagem, pois o contato constante com os pacientes, familiares e outros membros da equipe multidisciplinar contribuem para vulnerabilidade desses trabalhadores (Garcia et al., 2024).

O regime de trabalho por turnos também merece destaque, pois representa um fator desencadeante, além de agravante para o cansaço e desenvolvimento de distúrbios musculoesqueléticos nos profissionais da enfermagem. Além do comprometimento com a saúde física, também interfere na

dinâmica familiar, pois a maioria dos trabalhadores da enfermagem são mulheres, e que, frequentemente, acumulam dupla jornada de trabalho. A elevada demanda física e emocional, a ausência de períodos adequados de descanso, potencializa riscos à saúde. Acrescentado a isso, a capacidade de responder de modo eficaz as exigências físicas inerentes às atividades laborais tende a diminuir com o avanço da idade, causando aumento na vulnerabilidade a agravos relacionados ao trabalho prestado (Pousa, 2022).

Consequências da negligência à saúde do trabalhador

A falta de apoio organizacional, de uma comunicação eficaz, de suporte social e de um feedback proveniente da liderança, aumenta a percepção da sobrecarga física, o ritmo acelerado de trabalho, os conflitos relacionados aos papéis desempenhados na equipe, além da sensação de injustiça. Mesmo com o impacto negativo dos fatores psicossociais sobre a saúde mental entre enfermeiros, a Síndrome de *Burnout* ainda é desconsiderada pelos gestores (Pousa, 2022). A falta de profissionais da enfermagem não repercute apenas na vida desses trabalhadores, mas também em suas famílias e nas suas relações sociais. Esses efeitos refletem principalmente, na prática assistencial, onde comprometem a detecção precoce de complicações, a qualidade da assistência prestada e a segurança do paciente (Tamata & Mohammadnezhad, 2022).

Além disso, a baixa remuneração e a desvalorização profissional são características marcantes que podem ser observadas nesta área de trabalho. A baixa remuneração leva a busca por um segundo emprego

que acaba sobrecarregando e favorecendo ao esgotamento da categoria, ocasionando dificuldades em realizar o desempenho adequado na prestação de serviço prestado (Carvalho et al., 2019).

A negligência relacionada à saúde do trabalhador da enfermagem provoca impactos significativos nas dimensões física, psicológica, social e organizacional, prejudicando não apenas o bem-estar dos profissionais, mas também a eficiência do sistema de saúde, e principalmente, a qualidade da assistência prestada nos cuidados com o paciente. Esses impactos estão relacionados abaixo, tais como:

Impactos físicos

A exposição a sobrecarga de trabalho, em conjunto à falta de apoio institucional, contribui para o desenvolvimento de distúrbios musculoesqueléticos, como dores na ombros, coluna e articulações, geralmente somados a lesões por esforços repetitivos (E. B. de Oliveira et al., 2020).

Além disso, as condições de trabalho inapropriadas podem levar ao surgimento de doenças cardiovasculares e provocar agravos referentes ao estresse físico prolongado (Carvalho et al., 2019).

Impactos psicológicos e emocionais

A falta de suporte institucional e do reconhecimento profissional está diretamente ligada ao aumento de distúrbios psicológicos entre os trabalhadores da área da enfermagem. Trabalhadores expostos a condições laborais desfavorável apresentam sintomas de depressão, ansiedade, estresse, fadiga e risco de síndrome de burnout (Oliveira et al., 2020).

Consequências sociais e organizacionais

A negligência à saúde do profissional da enfermagem também impacta o ambiente social e organizacional. A sobrecarga de trabalho, a qual a enfermagem está submetida, além da falta de valorização profissional contribui para o aumento do absenteísmo, da rotatividade de pessoal e causa o aparecimento de conflitos interpessoais, comprometendo a coesão da equipe e a qualidade da assistência prestada aos usuários (Oliveira et al., 2020).

Repercussões para o sistema de saúde

A deterioração provocada a saúde dos profissionais de enfermagem compromete a eficiência do sistema de saúde. Trabalhadores exaustos ou adoecidos apresentam maior probabilidade em cometer erros, afetando a

segurança do paciente e a continuidade do cuidado. Além disso, os custos das organizações aumentam por causa do tratamento de doenças ocupacionais e à necessidade de substituição de profissionais que estão em licença para cuidarem da própria saúde (World Health Organization, 2020).

O quadro 04 sintetiza as consequências da negligência à saúde do trabalhador da enfermagem.

A omissão relacionada à saúde do trabalhador da enfermagem é um problema complexo que exige atenção urgente. Implementação de políticas públicas direcionadas para promoção da saúde ocupacional, à valorização profissional e para melhoria das condições de trabalho é fundamental para garantir o bem-estar dos profissionais e a qualidade da assistência prestada à toda população.

Dimensão	Principais consequências
Física	Dores musculoesqueléticas, LER/DORT, problemas cardiovasculares, estresse físico prolongado
Psicológica e emocional	Depressão, ansiedade, estresse, fadiga, risco de síndrome de burnout
Social e organizacional	Absenteísmo, rotatividade, conflitos interpessoais, perda de coesão de equipe
Sistema de saúde	Erros assistenciais, comprometimento da segurança do paciente, aumento de custos organizacionais, necessidade de substituição de profissionais

Quadro 04 Consequências da negligência à saúde do trabalhador da enfermagem.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Carvalho et al. (2019); Oliveira et al. (2020); World Health Organization (2020).

Estratégias de Retenção no ambiente hospitalar

O relatório da OPAS enfatiza a necessidade da adoção de medidas que favoreçam a permanência desses trabalhadores, sobretudo em nações de baixa renda. Conforme o relatório, para prevenção da escassez de profissionais da enfermagem será necessário à implementação de estratégias nacionais relacionadas à formação de novos trabalhadores, juntamente com políticas eficazes de retenção, investindo na força de trabalho, e também a promoção da autonomia profissional. Somente um quantitativo de enfermeiros (as) qualificados, motivados e distribuídos de forma equilibrada é possível alcançar cobertura e acesso universal à saúde para toda população (Organização Pan-Americana da Saúde, 2019).

Para reduzir a escassez de profissionais dessa categoria, seria importante que o número de formados nessa área crescesse em torno de 8% ao ano. Esses dados mostram a urgência de estratégias eficazes de planejamento da força de trabalho em saúde (Mendes et al., 2022).

Para impedir a escassez desses profissionais até 2030, a OMS orienta que os países melhorem consideravelmente, os investimentos para que ocorra um crescimento no quantitativo da força de trabalho, com o objetivo principal de promoção da assistência à saúde as suas populações. No âmbito internacional os acordos de cooperação são muito importantes nesse aspecto, pois através do compartilhamento de experiências, capacidades técnicas e recursos financeiros, auxílio na captação e formação da força de

trabalho da enfermagem, irão fortalecer os sistemas de saúde que são considerados mais frágeis (Mendes et al., 2022).

A exposição constante as cargas de trabalho vivenciadas pela enfermagem, e que, geram seus desgastes, evidenciam a importância da identificação dos fatores aos quais esses trabalhadores estão expostos, com o objetivo de prevenir danos e desenvolver estratégias que contribuam para um ambiente laboral mais saudável. Apesar, da sobrecarga de trabalho ser reconhecida, ainda são muito significativos os desafios para implementação de mudanças de melhoria. Manter um monitoramento da saúde desses profissionais é fundamental para compreender de forma mais ampla a realidade laboral enfrentada pela categoria. Desse modo, estudos mostram que essa temática pode auxiliar no planejamento de estratégia relacionada ao ambiente hospitalar, através da identificação das cargas de trabalho na visão da enfermagem (Carvalho et al., 2019).

Esse processo estimula uma ampliação do debate sobre o tema, estimula mudanças de atitudes e comportamentos e muda o cenário relatado na literatura, em especial no que está relacionado à exposição ocupacional e a Síndrome de *Burnout*. Esse resultado, pode auxiliar para implementação de ações direcionadas tanto para os trabalhadores como quanto a gestão institucional, buscando a redução as cargas de trabalho relacionado ao esgotamento profissional (Carvalho et al., 2019).

Segundo Galon, Navarro e Gonçalves (2022) fazem-se necessárias mudanças urgentes para enfermagem como uma educação permanente, fornecimentos de equipamentos de proteção e materiais adequados para prestação da assistência, apoio psicológico gratuito, melhora da comunica-

ção em equipe, aumento salarial, redução da jornada de trabalho, vacinação para todos, e o mais importante uma maior 'valorização da enfermagem'.

A importância do reconhecimento e valorização profissional

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2019), em vários lugares do mundo a enfermagem representa o primeiro e, em alguns casos, o único contato dos pacientes com os serviços de saúde. Destaca que o investimento na enfermagem é fundamental para ampliar o acesso e garantir um alcance universal, impactando diretamente na saúde e no bem-estar da população global.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, os profissionais da enfermagem são fundamentais para sustentação das organizações e dos sistemas de saúde, corresponde a maior parcela da força de trabalho no setor e desempenham um papel indispensável nas equipes interdisciplinares (*World Health Organization*, 2020).

Conforme Silva e Machado (2020), apesar das dificuldades enfrentadas pela enfermagem, seja, no mercado de trabalho e campo de formação, que necessita de mudanças urgentes de valorização desses profissionais, eles se mantêm comprometidos com os ofícios da profissão, mantendo um cuidado especial com os pacientes.

Mesmo com o avanço inovador e tecnológico na área da saúde, o ser humano ainda é o insumo mais importante. Mesmo com todas as dificuldades no exercício da profissão, é a enfermagem que está ali presente com seu olhar, toque, atendimento preciso, com a técnica e a fidelidade do pro-

fissional frente a todo procedimento executado. Seja na entrada ou durante todo o processo de assistência à saúde, a enfermagem sempre estará presente (Silva e Machado, 2020).

Segundo Mendes et al. (2022), o Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN) tem batalhado para que haja uma implementação de políticas públicas de saúde, onde sejam estabelecidos padrões mínimos de segurança para os profissionais da enfermagem, pois essa segurança vai garantir a qualidade na execução da assistência em âmbito mundial. Estudos indicam que a disponibilidade de uma força de trabalho em número adequado às demandas dos serviços de saúde contribui para melhores resultados na assistência à população, além de proporcionar retorno financeiro significativo para as instituições.

Conforme relatório denominado *Health Employment and Economic Growth*, produzido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e Organização Mundial da Saúde (OMS), mostra-se há muito tempo a preocupação relacionada aos investimentos em educação e geração de empregos na área da saúde. Investimentos na força de trabalho em saúde, conjuntamente com políticas públicas que promovam a proteção do profissional tem grandes possibilidades de aumentar seus ganhos econômicos e levar ao crescimento econômico inclusivo (Mendes et al., 2022).

Essencial na prestação dos cuidados integrados centrado nas pessoas, a força de trabalho da enfermagem desempenha um papel fundamental para o cumprimento das prioridades de saúde e a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

(ODS). A atuação dessa classe tem sido observada e reconhecida como de grande importância, frente aos desafios que colocam o mundo em cenário de emergência a nível mundial, como o que ocorreu com a pandemia de Covid-19. No ano de 2020 com as comemorações do ano Internacional da Enfermagem e Obstetrícia, foram organizados dois relatórios provenientes de contribuições feita por representantes dos países membro da Organização Mundial de Saúde (OMS) e suas regiões: 'Estado da Enfermagem Mundial 2020: investir na educação, em empregos e na liderança', que foi organizada pela OMS junto ao Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN), e também a campanha *Nursing Now*, e o 'Estado da Obstetrícia Mundial' com lançamento em 2021, foi organizada pela Confederação internacional de Parteiras (ICM) e o ICN em conjunto com a OMS (Oliveira et al., 2020).

Ainda segundo Oliveira et al. (2020), através de uma ação conjunta, diversas instituições se comprometeram a colaborar na organização de relatórios e na elaboração de um infográfico que apresentasse as especificidades do 'Perfil da enfermagem no Brasil', intitulado 'Retrato da Enfermagem no Brasil', lançado em junho de 2020. Entre essas instituições estavam a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN), a Associação de Obstetizes e Enfermeiros Obstetras (ABENFO), o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), o Ministério da Educação, o Ministério da Saúde, o Centro Colaborador para o Desenvolvimento e Pesquisa em Enfermagem da escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, o grupo de trabalho *Nursing Now* no Brasil e a representação da Unidade Técnica de Capacidades Humanas em Saúde da OPAS/OMS no Brasil. Essa análise

de dados nacionais evidenciou a urgência de identificar, planejar e implementar políticas públicas voltadas para o enfrentamento dos principais desafios da enfermagem no país.

Sustentabilidade dos Serviços de Saúde e Qualidade Assistencial

O impacto da escassez na qualidade da assistência

Conforme o relatório da OMS, prevê-se um déficit aproximadamente de 7,2 milhões de trabalhadores da saúde para atender as necessidades globais, podendo esse número chegar a 12,9 milhões até 2035 apenas relativo à enfermagem. Esse cenário mostra um desafio de escala mundial, impactando mais de um bilhão de pessoas, como mulheres e crianças, que são grupos vulneráveis e necessitam de atendimento de saúde com urgência e qualidade. A falta desses profissionais tem ocasionado efeitos adversos significativos com piores desfechos em saúde, aumento no enfrentamento de doenças e na promoção do bem-estar. Além de aumentar a sobrecarga de trabalho e o estresse entre os trabalhadores da enfermagem, essas condições provocam a redução da assistência prestada, coloca a segurança do paciente em risco e aumenta os índices de mortalidade (Tamata & Mohammadnezhad, 2022).

A saúde do trabalhador e a segurança do paciente são assuntos que estão completamente relacionados aos serviços de saúde, pois a sobrecarga de trabalho, os acidentes de trabalho, o absenteísmo, a falta de lazer e a exaustão dessa categoria, podem ocasionar o risco a segurança do paciente. Nas últimas décadas a segurança do paciente tem se tornado tema de grande destaque com abrangência mundial, principalmente, devido à ocorrência dos Eventos Adversos (EAs) nas

organizações de saúde. A segurança do paciente está centrada na grande importância dos eventos adversos, ou seja, nos prejuízos ou lesões que podem ser causadas no doente durante a assistência de saúde prestada pela enfermagem (Andrades, 2019).

O erro durante administração e manipulação de medicamentos é o evento adverso importante que tem ocorrido na área da enfermagem, pois esses eventos causam lesões aos pacientes. Esses erros ocorrem, principalmente, devido falhas no sistema de assistência e cuidados de saúde ineficiente. Muitos fatores como distração, e mais ainda, o aumento de sobrecarga de trabalho leva a esse evento adverso (Andrades, 2019).

O papel da gestão na sustentabilidade dos serviços

Mesmo com vários estudos relacionando o bem-estar, a satisfação e melhores condições no trabalho da enfermagem, ainda na atualidade, isso parece não ser suficiente para sensibilizar às categorias gestoras e os representantes políticos, quanto aos riscos laborais que os profissionais da enfermagem estão expostos diariamente no seu ambiente de trabalho com as diversas precariedades (Farias & Lira, 2020).

Diante de cenários como o ocorrido com a pandemia de Covid-19, e com o objetivo de ampliar a contribuição da enfermagem no meio das equipes multidisciplinares, torna-se imprescindível o planejamento de estratégias que contemplem uma adequada força de trabalho a formulação de intervenção que contribuam para o realinhamento da formação de enfermeiros (as) às necessidades e aos objetivos do sistema de saúde, e principalmente, a otimização dos investimentos direcionados

a redução da escassez mundial desses profissionais. Diante desses dados, no Brasil, faz-se necessário uma formulação e implementação de políticas públicas que promovam a distribuição equitativa dos trabalhadores da enfermagem nas diferentes regiões. Além disso, destacam-se desafios relacionados à garantia de condições laborais adequadas, tratamento justo e não discriminatório, equiparação salarial, ambiente de trabalho seguro, incentivo a inserção de jovens profissionais no mercado de trabalho, e, por fim, a elaboração de políticas sensíveis voltadas as questões de gênero (Oliveira et al., 2020).

De acordo com Hewage e Rostami-Tabar (2024), a manutenção da sustentabilidade do sistema de saúde depende da sua força de trabalho. Conforme os desafios presentes no quantitativo de profissionais da enfermagem é importante que as instituições de saúde e os formuladores de políticas elaborem um fornecimento adequado sustentável e suficiente de equipe de enfermagem para garantir a qualidade de assistência prestada ao paciente.

Para uma gestão dos fatores psicossociais na organização hospitalar, torna-se fundamental que líderes escutem os profissionais, ou seja, mantenha uma escuta ativa sobre as demandas desses trabalhadores, pois isso favorecerá o planejamento das equipes e a redistribuição equitativa da carga de trabalho. A oferta de apoio e o fornecimento de feedback construtivo por parte dos gestores, são estratégias de intervenção que contribuem para um desempenho melhor das funções desses profissionais e auxiliam na prevenção de conflitos dos papéis. As intervenções direcionadas aos fatores psicossociais, principalmente, quando ocorrem com a participação ativa do trabalhador, geram efeitos significativos na redução do estresse

ocupacional. A participação da enfermagem nesse processo possibilita a inclusão de aspectos específicos relacionados às suas demandas, como o contexto e as condições laborais, incluindo a organização de tarefas, métodos de execução e a gestão do tempo (Pousa, 2022).

Segundo Cassiani (2020), a redistribuição das variadas tarefas entre os trabalhadores vai permitir uma otimização dos recursos, e do tempo de atendimento, aumentando a participação dos pacientes, além de diminuir o estresse dos enfermeiros (as) e elevar o comprometimento e a satisfação pessoal. A ampliação com as distribuições das funções e o fortalecimento das equipes interdisciplinares são estratégias eficazes frente à escassez e má distribuição dos recursos humanos, estimulando a melhoria na atenção à saúde e na experiência entre profissionais e pacientes.

Conforme a Organização Pan-Americana de Saúde (2025) é fundamental que os países promovam investimentos de longo prazo na enfermagem, garantindo melhores condições de trabalho, valorização da profissão, além da inclusão desses profissionais no desenvolvimento de políticas de saúde.

Estudos recentes mostram que adoção de políticas e estratégias que promovam a valorização, e principalmente a permanência da força de trabalho em áreas rurais, com localização distante dos grandes centros é fundamental para satisfação e retenção desses profissionais onde o número de trabalhadores está abaixo da média nacional. Vários fatores são importantes para esse processo, entre eles destacam-se uma comunicação efetiva entre os gestores e equipes, valorização e reconhecimento do desempenho profissional, aos mais qualificados uma oferta de incentivo financeiro, promoção de

ambiente de trabalho saudáveis, regulação adequada de prática profissional e a implementação de políticas de proteção ao trabalhador. Além disso, o dimensionamento adequado do número de pessoal contribui para redução do desgaste e sobrecarga de trabalho, contribuindo para a produtividade e melhoria dos serviços da enfermagem (Mendes et al., 2022).

Propostas de Intervenção Prática

Várias estratégias podem ser desenvolvidas para promoção à saúde do profissional da enfermagem, mesmo diante ao cenário de escassez desses trabalhadores nos serviços de saúde. A implementação dessas ações, além de favorecer o bem-estar físico e mental da equipe, também contribui para a melhoria da qualidade assistencial, fortalecimento de segurança ao paciente, promoção de maior eficiência dos processos, gerando benefícios econômicos e organizacionais para a instituição de saúde.

De acordo com a temática abordada, várias propostas de intervenções voltadas à promoção da saúde dos trabalhadores da enfermagem podem ser elaboradas, mesmo frente à falta desses profissionais nos serviços de saúde alertado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O desenvolvimento de estratégias estruturada e contínua é fundamental para enfrentar os desafios impostos pela redução da força de trabalho e assegurar condições de trabalho mais humanizadas, valorizando os profissionais e promovendo resultados positivos tanto para equipe como para o paciente.

A integração de práticas de promoção da saúde ocupacional com estratégias de gestão participativa possibilita que os trabalhadores da enfermagem se tornem protagonistas na promoção e construção de am-

bientes de trabalho mais seguros e eficazes. Essa abordagem mostra que o cuidado com a saúde do trabalhador da área da enfermagem não é apenas uma questão ética, mas sim uma estratégia inteligente de gestão, capaz de potencializar a qualidade do serviço prestado, a satisfação e prazer da equipe e a sustentabilidade em longo prazo dos serviços de saúde.

Conforme a Organização Mundial da Saúde (2020) e com as diretrizes do Conselho Federal de Enfermagem (2017; 2024) bem como com evidências recentes da literatura científica (Lee & Jang, 2023; Kooktapeh, Dustmohammadloo, Mehrdoost & Fatehi, 2023), apresentam-se no quadro 05 a seguir, propostas de intervenções voltadas à formação da saúde dos trabalhadores da enfermagem, mesmo diante da escassez destes profissionais.

Eixo de Ação	Descrição da Intervenção	Resultado Esperado
Dimensionamento de pessoal	Aplicação da Resolução nº543/2017 e monitoramento das cargas de trabalho	Redução da sobrecarga de trabalho. Melhora da qualidade assistencial. Redução do Absenteísmo.
Promoção da saúde e qualidade de vida	Implementação de programas relacionado ao bem-estar, incentivo à prática de atividade física, alimentação saudável e pausas programadas	Aumento da produtividade e redução da fadiga. Mais satisfação.
Prevenção de adoecimento de causa ocupacional	Capacitações em ergonomia e biossegurança. Fortalecimento do PCMSO (Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional) e PPRA (Programa de Riscos Ambientais)	- Redução de doenças ocupacionais e afastamentos.
Suporte Psicossocial	Formação de núcleos de apoio psicológico, grupos de escuta e rodas de conversa	Prevenção da síndrome de <i>Burnout</i> . Melhora do clima organizacional. Maior retenção de profissionais da enfermagem.
Educação Permanente e Valorização	Ofertar remuneração adequada, plano de carreira, treinamento e bolsas de estudo	Retenção dos talentos. Promoção do desenvolvimento profissional. Satisfação da equipe.
Tecnologia e Inovação	Implantação de sistemas informatizados, telemedicina para reduzir tarefas repetitivas	Maior tempo dedicado ao cuidado direto ao paciente. Otimização dos processos.
Participação na gestão	Incentivo a pesquisa relacionada à saúde do trabalhador e participação de enfermeiros em comitês de decisão	- Promove uma tomada de decisão mais assertiva e políticas alinhadas às necessidades da categoria de enfermagem.

Quadro 05 Propostas de intervenções voltadas à formação da saúde dos trabalhadores da enfermagem.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em World Health Organization (2020); Conselho Federal de Enfermagem (2017; 2024); (Lee & Jang (2023); Kooktapeh, Dustmohammadloo, Mehrdoost & Fatehi, (2023).

Considerações Finais

O presente estudo evidenciou que a enfermagem compõe o maior contingente da força de trabalho em saúde, desempenhando papel estratégico na prestação de cuidados, na promoção da segurança do paciente e na sustentabilidade dos serviços de saúde. A profissão é responsável por assegurar a continuidade do cuidado em diferentes níveis de atenção, tornando-se peça central para o funcionamento eficiente dos sistemas de saúde. Contudo, a realidade apresentada revela que a escassez global e regional de profissionais, somada às condições laborais precárias, à baixa remuneração, à sobrecarga de trabalho e à exposição constante a riscos físicos, biológicos e psíquicos, compromete não apenas a saúde e o bem-estar desses trabalhadores, mas também a qualidade, a resolutividade e a efetividade da assistência prestada à população.

O estudo destacou que a ausência de investimentos estruturados em políticas de formação, retenção e valorização profissional ocasiona impactos diretos e imediatos sobre a saúde ocupacional da enfermagem. Esse cenário tem se manifestado no aumento de doenças relacionadas ao trabalho, como a Síndrome de Burnout — reconhecida pela Organização Mundial da Saúde em 2022 como condição ocupacional —, além do crescimento dos índices de absenteísmo, afastamentos por adoecimento, sofrimento mental e rotatividade de profissionais. Esses fatores, quando somados, fragilizam os serviços, aumentam a vulnerabilidade das equipes e favorecem a ocorrência de eventos adversos que comprometem a segurança do paciente. A pandemia de Covid-19 evidenciou ainda mais essa realidade, expondo a categoria a níveis extremos de exigência e sofrimento, o que reforça a urgência de me-

didadas estruturais que garantam condições dignas e seguras de trabalho, preservando a integridade física e emocional da equipe de enfermagem.

Investir na valorização da enfermagem, por meio de políticas de retenção, planos de carreira, melhorias salariais, acesso à educação permanente, redistribuição equitativa das cargas de trabalho e criação de ambientes laborais humanizados, representa uma estratégia de alto impacto. Tais medidas não apenas promovem saúde física e mental aos trabalhadores, mas também fortalecem a motivação, reduzem a rotatividade, asseguram a segurança do paciente e geram benefícios econômicos para as instituições, na medida em que diminuem custos com afastamentos, adoecimentos e falhas assistenciais. Além disso, a ampliação do reconhecimento social e político da categoria pode contribuir para o engajamento profissional, estimulando novos ingressos na carreira e favorecendo a manutenção da força de trabalho em regiões historicamente marcadas por desigualdades de acesso.

Portanto, conclui-se que a implementação de estratégias voltadas à proteção, à valorização e ao fortalecimento da enfermagem é essencial para enfrentar a crise de escassez de profissionais anunciada pela Organização Mundial da Saúde. Tais estratégias devem articular dimensões organizacionais, econômicas e sociais, de modo a assegurar melhores condições de trabalho, ampliar a qualidade da assistência e consolidar sistemas de saúde mais resilientes, equitativos e sustentáveis. Dessa forma, a valorização da enfermagem transcende o âmbito corporativo e se configura como requisito indispensável para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, para a efetivação do direito universal à saúde e para a construção de sociedades mais justas e saudáveis em escala nacional e global.

Referências

- Andrades, A. C. P. (2019). *Saúde do trabalhador de enfermagem e suas implicações na segurança do paciente* (Trabalho de Conclusão de Curso). Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://hdl.handle.net/10183/238565>
- Brasil. (1986). *Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986*. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1882010849/lei-7498-86>
- Brasil. (2023). *Lei nº 14.602, de 20 de junho de 2023*. Altera a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, para dispor sobre as condições de repouso dos profissionais de enfermagem durante o horário de trabalho. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14602.htm
- Carvalho, D. P. D., Rocha, L. P., Pinho, E. C. D., Tomaschewski-Barlem, J. G., Barlem, E. L. D., & Goulart, L. S. (2019). *Cargas de trabalho e o Burnout dos trabalhadores de enfermagem*. Revista Brasileira de Enfermagem, 72, 1435–1441. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0659>
- Cassiani, S. H. D. B. (2020). *Combinação de tarefas do enfermeiro e de outros profissionais da saúde na atenção primária de saúde*. Organização Pan-Americana da Saúde. <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52469>
- Chen, X., Ran, L., Zhang, Y., Yang, J., Yao, H., Zhu, S., & Tan, X. (2019). *Moderating role of job satisfaction on turnover intention and burnout among workers in primary care institutions: A cross-sectional study*. BMC Public Health, 19, 1526. <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7894-7>
- Conselho Federal de Enfermagem. (2017). *Resolução Cofen nº 543/2017*. Atualiza e estabelece parâmetros para o dimensionamento do quadro de profissionais de enfermagem nos serviços/locais em que são realizadas atividades de enfermagem. Revogada pela Resolução Cofen nº 743/2024. Portal Cofen. <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-5432017/>
- Conselho Federal de Enfermagem. (2024). *Resolução Cofen nº 743, de 12 de março de 2024*. Revoga a Resolução Cofen nº 543/2017 e estabelece parâmetros para o dimensionamento do quadro de profissionais de enfermagem. Portal Cofen. <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-743-de-12-de-marco-de-2024/>
- Conselho Federal de Enfermagem. (2025). *Relatório da OMS aponta que investir na Enfermagem é estratégico para o futuro da saúde global e Brasil deve intensificar esforços*. <https://www.cofen.gov.br/relatorio-da-oms-aponta-que-investir-na-enfermagem-e-estrategico-para-o-futuro-da-saude-global-e-brasil-deve-intensificar-esforcos/>
- Farias, V. E., & Lira, G. V. (2020, agosto). *Os profissionais de enfermagem merecem mais que aplausos*. Enfermagem em Foco, 11(1, Edição Especial), 92–94. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1116401>
- Galon, T., Navarro, V. L., & Gonçalves, A. M. de S. (2022). *Percepções de profissionais de enfermagem sobre suas condições de trabalho e saúde no contexto da pandemia de COVID-19*. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 47, e15821. <https://www.scielo.br/j/rbso/a/HM-J9BGw8d36qz33PVx3fT3M/?lang=pt>
- Garcia, A. de J., Santos, A. da S. dos, Santos, C. V., Ferreira, M. dos S., & Pimentel, M. M. W. (2024). *Síndrome de Burnout en Profesionales de Enfermería Oncología: Estudio Cruzado*. Revista Brasileira de Cancerologia, 70(4), e-224983. <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/4983>

Hewage, H. C., & Rostami-Tabar, B. (2024). *A hybrid predictive and prescriptive modelling framework for long-term mental healthcare workforce planning*. arXiv. <https://arxiv.org/abs/2406.17463>

Kooktapeh, Z. G., Dustmohammadloo, H., Mehrdoost, H., & Fatehi, F. (2023). *In the line of fire: A systematic review and meta-analysis of job burnout among nurses*. arXiv. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2312.14853>

Lee, W., & Jang, I. (2023). *Effect of nurses' professionalism, work environment, and communication with health professionals on patient safety culture (AHRQ 2.0): A cross-sectional multicenter study*. Journal of Nursing Management. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1155/2023/1591128>

Lima, E. M. de, & Migani, E. J. (2022). *As consequências da inobservância da NR 32 – Saúde e segurança do trabalho nos estabelecimentos de saúde*. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 8(3), 1195–1213. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i3.4694>

Mendes, M., Martins, M. da S., Acordi, I., Ramos, F. R. S., Brehmer, L. C. de F., & Pires, D. E.

P. de. (2022). *Força de trabalho de enfermagem: cenário e tendências*. Revista de Enfermagem da UFSM, 12, e11. <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/67928>

Ministério da Saúde. (2004). *Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador*. Brasília: Ministério da Saúde. https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_seguranca_saude.pdf

Ministério da Saúde. (2005). *Portaria nº 1.125, de 06 de julho de 2005: Dispõe sobre os propósitos da política de saúde do trabalhador para o SUS*. Brasília: Ministério da Saúde. https://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt1125_06_07_2005.html

Oliveira, A. P. C. de, Ventura, C. A. A., Silva, F. V. da, Neto, H. A., Mendes, I. A. C., Souza, K.

V. de, ... Souza, W. V. B. de. (2020a). *State of Nursing in Brazil*. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 28, e3404. <https://www.scielo.br/j/rlae/a/nwPZbvkYp6GNLsZhFK7m-Gwd/?lang=en>

Oliveira, E. B. de, Silva, S. R. C. de S. da, Sora, A. B. de, Oliveira, T. S. de, Valério, R. L., & Dias, L. B. S. (2020b). *Minor psychic disorders in nursing workers at a psychiatric hospital*. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 54, e03543. <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2018031903543>

Organização Pan-Americana da Saúde. (2019). *Enfermeiras e enfermeiros são essenciais para avançar rumo à saúde universal*. <https://www.paho.org/pt/noticias/8-5-2019-enfermeiras-e-enfermeiros-sao-essenciais-para-avancar-rumo-saude-universal>

Organização Pan-Americana da Saúde. (2020). *No Dia Mundial da Segurança do Paciente, OPAS lança campanha sobre segurança dos profissionais de saúde*. OPAS. <https://www.paho.org/pt/noticias/17-9-2020-no-dia-mundial-da-seguranca-do-paciente-opas-lanca-campanha-sobre-seguranca-dos>

Organização Pan-Americana da Saúde. (2022). *Importância estratégica do investimento nacional em profissionais de enfermagem na Região das Américas* (OPAS/HSS/HR/22- 0012). <https://iris.paho.org/handle/10665.2/56063>

Organização Pan-Americana da Saúde. (2025). *No Dia Internacional da Enfermagem, OPAS alerta para declínio drástico de pessoas graduadas em enfermagem*. <https://www.paho.org/pt/noticias/12-5-2025-no-dia-internacional-da-enfermagem-opas-alerta-para-declinio-drastico-pessoas>

Perniciotti, P., Serrano Júnior, C. V., Guarita, R. V., Morales, R. J., & Romano, B. W. (2020). *Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção*. Revista da SBPH, 23(1), 1–30. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582020000100005

Portaria n.º 485, de 11 de novembro de 2005. (2005). *Aprova a Norma Regulamentadora n.º 32 (Segurança e Saúde no Trabalho em Estabelecimentos de Saúde)*. Diário Oficial da União. https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=726447

Pousa, P. C. P. (2022). *Fatores psicossociais do trabalho na enfermagem* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2024/01/Fatores-Psicossociais-Trabalho-Enfermagem.pdf>

Silva, M. C. N. da, & Machado, M. H. (2020). *Sistema de Saúde e Trabalho: desafios para a Enfermagem no Brasil*. Ciência & Saúde Coletiva, 25(1), 7–14. <https://www.scielo.br/j/csc/a/wqFyYK4y49f8WZPmkvrwVsQ/?lang=pt>

Tamata, A. T., & Mohammadnezhad, M. (2022). *A systematic review study on the factors affecting shortage of nursing workforce in the hospitals*. Nursing Open, 10(3), 1247–1257. <https://nursing.jhu.edu/wp-content/uploads/2023/02/A-systematic-review-study-on-the-factors-affecting-shortage-of-nursing-workforce-in-the-hospitals.pdf>

Thomas, J. (2024). *Optimizing nurse scheduling: A supply chain approach for healthcare institutions*. arXiv. <https://arxiv.org/abs/2407.11195>

Uchôa, C. C. (2023). *Condições de trabalho dos profissionais de enfermagem em hospitais no Brasil: revisão integrativa* (Dissertação de Mestrado Profissional). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://repositorio.ufrn.br/items/358cb36f-fb1c-4ac7-991e-ec607cc87fd>

World Health Organization. (2020). *State of the world's nursing 2020: Investing in education, jobs and leadership*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240003279>